

2024 AMBIÇÃO DA COP30: UM ACORDO Nov PARA RECREAR UM SUMIDOURO DE CARBONO NA FLORESTA AMAZÔNICA

Daniel Nepstad | Diretor Executivo, Cientista Sênior

A redução do desmatamento na Amazônia brasileira para seu nível mais baixo em 10 anos apresenta uma grande oportunidade de transformar as florestas da Pan-Amazônia no maior sistema de remoção de dióxido de carbono do mundo. A maior questão é o financiamento: haverá compradores suficientes para os créditos de carbono florestal de alta integridade que estão surgindo nos estados e regiões da Amazônia?

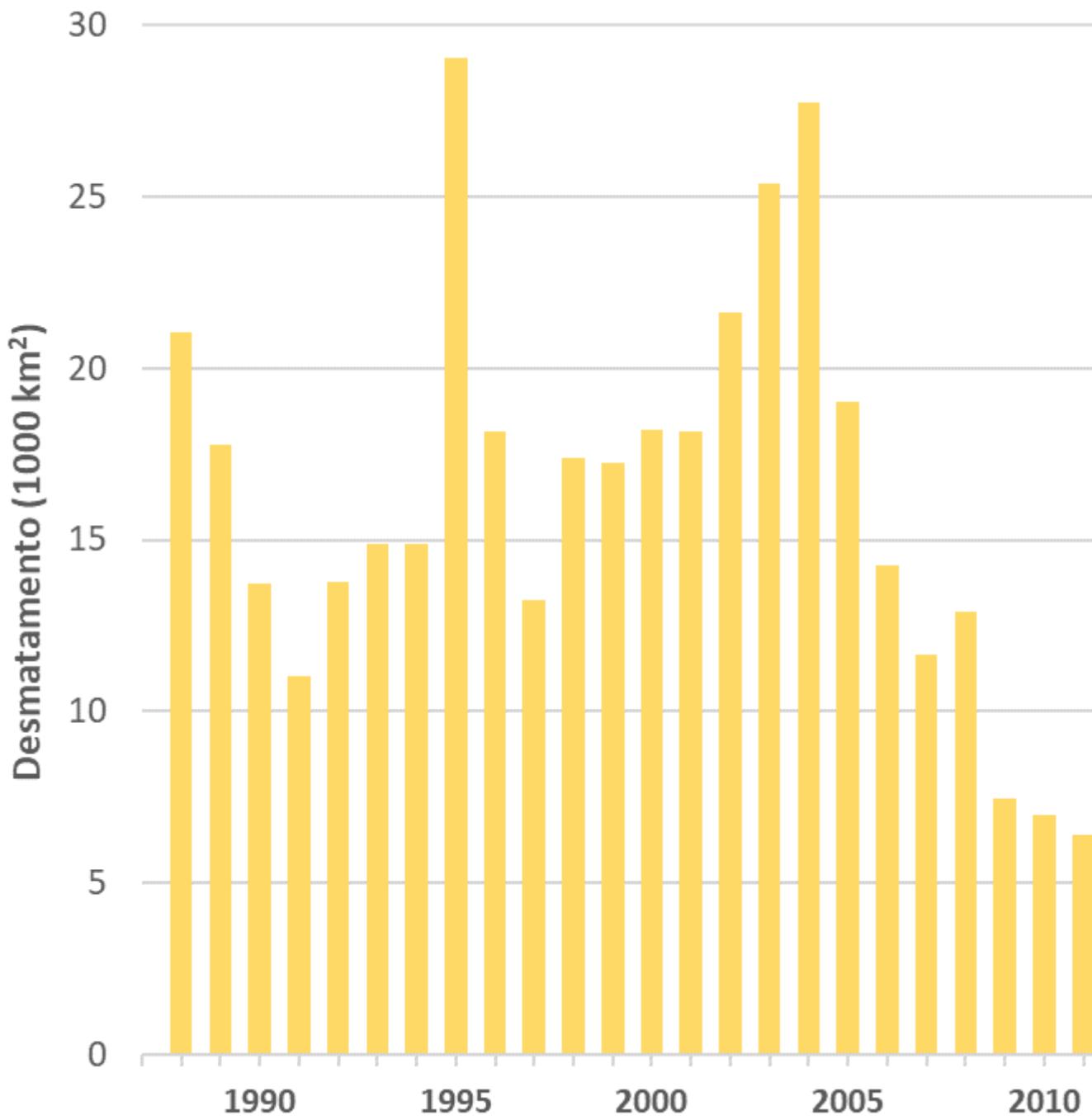


Figura 1. Desmatamento anual na Amazônia brasileira, 1988-2024 (INPE 2024). De 2005 a 2012, o desmatamento diminuiu 78% em relação à média para o período de 1996-2005 por meio de uma série de medidas amplamente punitivas, mas o desmatamento voltou a aumentar. Ao passo que o desmatamento desacelera mais uma vez, os programas jurisdicionais de REDD+ estão fornecendo a estrutura para ampliar essa tendência para desacelerar a degradação florestal e restabelecer a cobertura de árvores em terras desmatadas, à medida que fornecem o financiamento que falta.

Os riscos são altos

As árvores da Amazônia armazenam a mesma quantidade de carbono que foi liberada na atmosfera por todas as atividades humanas em todo o mundo na última década. Será que esse enorme reservatório de carbono vivo vazará para a atmosfera cada vez mais rápido, conforme as secas se intensificam e os incêndios provocam uma enorme redução da floresta? Ou as sociedades amazônicas receberão o financiamento necessário para implementar uma solução climática florestal maciça, aumentando esse reservatório de carbono por décadas (Figura 2)?

A oportunidade é extraordinária. Oitenta e três por cento (83%) de toda a floresta amazônica ainda está de pé. Parte dessa floresta remanescente foi degradada pela exploração madeireira e/ou por incêndios. A floresta secundária está crescendo novamente em 21% das terras desmatadas da região, onde os solos e a drenagem são marginais para a agricultura. Essas florestas danificadas e em crescimento são os motores biológicos do que poderia se tornar o maior sistema de remoção de dióxido de carbono do mundo. Elas se tornarão um novo e importante sumidouro de carbono da floresta amazônica se forem protegidas do fogo. Esse novo sumidouro de carbono nas florestas em recuperação e nos sistemas de produção baseados em árvores poderia crescer rapidamente até atingir o tamanho do sumidouro de carbono das florestas

amazônicas intactas, que ficou consideravelmente mais fraco nos últimos anos.

Em um novo estudo¹, estimamos a escala dos benefícios de uma solução climática florestal amazônica, baseada nos 18 planos de desenvolvimento multissetoriais e de baixa emissão dos estados e regiões amazônicos que cobrem três quartos da floresta (Figura 2). Pressupomos a replicação de abordagens comprovadas e bem-sucedidas para a prevenção e o controle de incêndios florestais, juntamente com várias outras intervenções que aumentam a economia rural da Amazônia e que capacitam os povos indígenas e as comunidades tradicionais com financiamento para os programas que eles elaboram. Presumimos uma desaceleração acentuada do desmatamento em todas as nações amazônicas, uma mudança do setor madeireiro para **técnicas de exploração de baixo impacto** e o restabelecimento da cobertura arbórea em terras degradadas por meio do incentivo à regeneração florestal e a sistemas de produção baseados em árvores. Também supomos uma mudança na produção de gado para uma produtividade mais alta com tecnologia e rastreabilidade moderna, à medida que a região **volta a usar sua fonte tradicional de proteína**: o peixe.

A solução climática amazônica poderia reduzir as emissões líquidas em 2 bilhões de toneladas por ano, um pouco menos do que a UE espera alcançar até 2030. Essa contabilização de carbono não inclui o efeito de uma Amazônia mais florestada na garantia do sistema de chuvas dependente da floresta da região e na redução do risco de uma grande perda da floresta pelos incêndios florestais.

O mecanismo para fornecer o financiamento necessário está totalmente operacional

Para implementar a solução climática amazônica, são necessários US\$ 2 à 3 bilhões por ano. Há muitas medidas que

os estados e as províncias podem tomar para [atrair os parceiros de que precisam](#). Surpreendentemente, um mecanismo de financiamento de curto prazo já existe e está operacional. A comunidade internacional precisa apoiar esse mecanismo, reconhecendo o papel fundamental que os créditos de carbono florestal de alta integridade vendidos no mercado voluntário de carbono podem desempenhar no fornecimento de um financiamento de ponte crucial para ajudar a resolver a crise climática, proteger a natureza e permitir que as empresas contribuam para soluções climáticas além de seus próprios processos de descarbonização.

E para onde irá o dinheiro? Os fundamentos da solução climática amazônica são as estratégias multisectoriais para fomentar um modelo de desenvolvimento rural que mantenha e recupere a floresta nos territórios subnacionais da Amazônia (Fig. 2). Elas são exemplificadas pelo estado do Pará, anfitrião da COP30. Ele reduziu as emissões do desmatamento em 150 MtCO₂/ano desde 2021, uma redução maior nas emissões de GEE do que a grande maioria dos países do mundo.

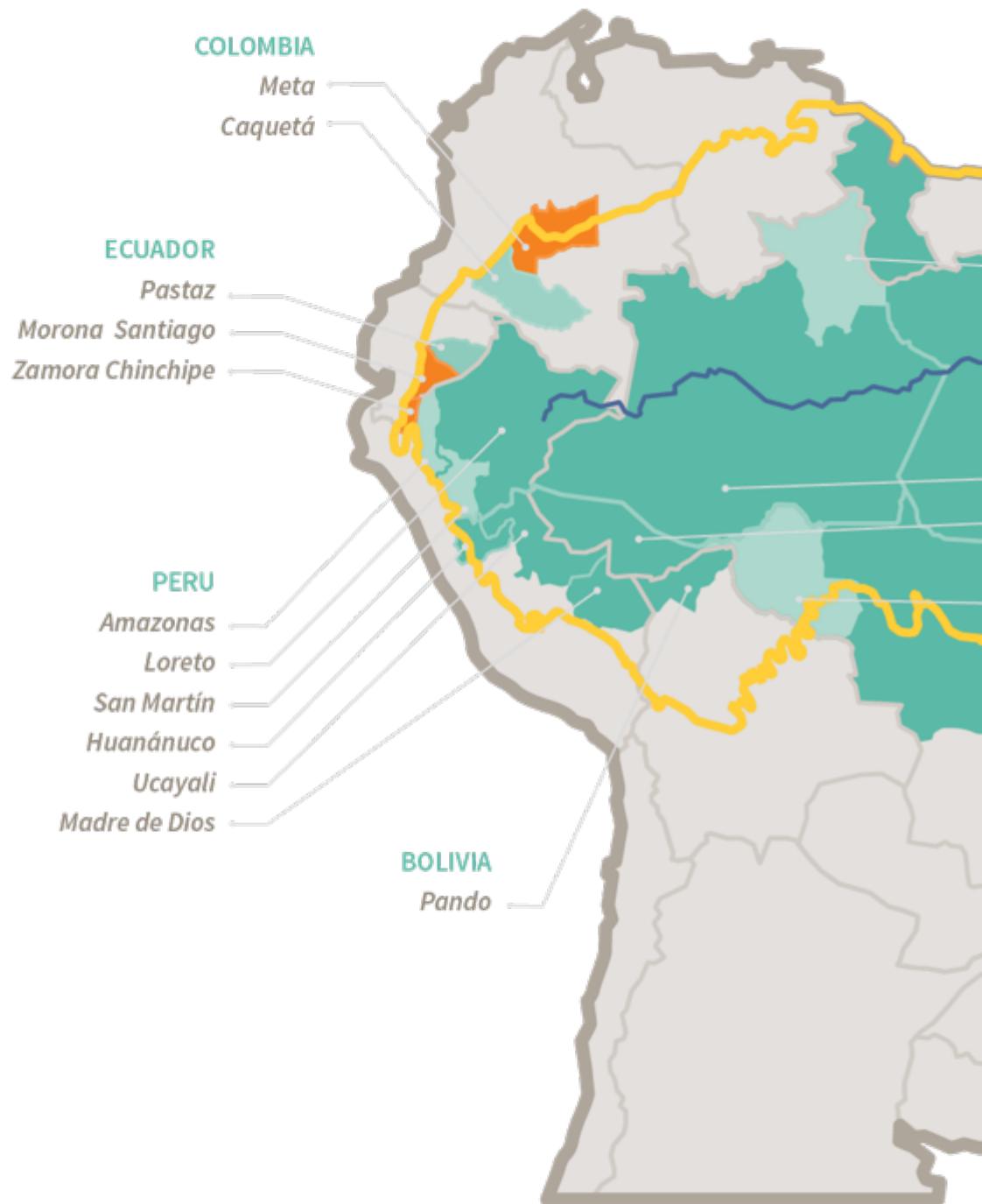


Figura 2. Territórios nacionais e subnacionais onde programas jurisdicionais de REDD+ (verde escuro) estão em desenvolvimento, onde planos florestais de desenvolvimento de baixa emissão foram

desenvolvidos (verde claro) e onde planos florestais estão em desenvolvimento (laranja).

Para continuar e aprofundar esse progresso, o Pará e dez outros estados e províncias da Amazônia (Fig. 2) esperam vender créditos de alta integridade de seus programas jurisdicionais de REDD+ por um preço decente. Somente o Pará poderia emitir 80 milhões de toneladas de créditos J-REDD+ por ano a partir de 2024¹. Isso é o dobro do volume total global de créditos de carbono florestal que foi transacionado no mercado voluntário de carbono em 2023. A onda de créditos J-REDD+ provenientes da Amazônia pode superar a demanda atual.

Nota: Temos a honra de fornecer suporte técnico ao Pará e a vários outros estados e governos regionais, que buscam concluir seus programas J-REDD+ e implementar suas estratégias.

Mas os créditos de carbono florestal não são apenas para inglês ver?

O declínio nas transações de créditos de carbono florestal de 240 milhões de toneladas em 2021 para 40 milhões de toneladas em 2023 foi impulsionado, em parte, por uma perda de confiança na qualidade desses créditos. Muitos compradores se afastaram dos créditos de carbono florestal devido a **evidências amplamente divulgadas** de que muitos projetos de carbono florestal **exageram** seus benefícios climáticos. Alguns créditos de carbono florestal são, de fato, unicórnios.

Certamente, todos os créditos de carbono florestal devem ser igualmente falhos, diz a lógica. Mas, na verdade, isso é errado. Os créditos de programas jurisdicionais de REDD+

subestimam seus benefícios climáticos, conforme demonstramos no novo estudo¹. Esses programas são projetados para impulsionar a transição para o desenvolvimento rural socialmente inclusivo e positivo para as florestas em vastos territórios nacionais e subnacionais. Os créditos do J-REDD+ baseiam-se em reduções coletivas de emissões provenientes de desmatamento e degradação florestal (daí o “REDD”); as receitas provenientes da venda desses créditos financiam subprogramas elaborados por e para povos indígenas, comunidades tradicionais, pequenos proprietários, agricultores de grande escala e órgãos governamentais com poucos recursos.

Desbloqueio da demanda por créditos de J-REDD

Para dar o pontapé inicial na demanda por créditos J-REDD+ e gerar o financiamento que pode transformar a floresta amazônica em um gigantesco sumidouro líquido de carbono, uma opção é recorrer aos grandes emissores: combustíveis fósseis, mineração e produção de cimento. A demanda poderia crescer a tempo de ser lançada na COP30 por meio de um acordo voluntário pré-competitivo entre produtores de petróleo e gás, fabricantes de cimento e empresas de mineração para comprar e aposentar créditos de carbono florestal de alta integridade, começando com o J-REDD+, que são equivalentes a uma pequena fração das emissões da empresa.

O J-REDD+ representa uma oportunidade de fornecer financiamento essencial para regiões agrícolas e pecuárias na Amazônia e além - financiamento que as iniciativas de mercado que exigem commodities livres de desmatamento não conseguiram fornecer. Os importadores de commodities agropecuárias da Amazônia poderiam ajudar a financiar a descarbonização dos sistemas de produção de alimentos simplesmente comprando créditos J-REDD+ de suas regiões de

origem. Essas transações poderiam ser reconhecidas e reforçadas pelo Artigo 6 do Acordo de Paris, que está tomando forma na COP29.

O mundo precisa desesperadamente de grandes reduções de curto prazo nas emissões e de proteções para a natureza. Um acordo para transformar a floresta amazônica em uma solução climática gigante que baseia-se nas estratégias já criadas pelos estados e províncias da região e mecanismos de financiamento que estejam prontos para serem aplicados poderia estar pronto a tempo para a COP30.

¹Nepstad *et al.*, submetido